



## Letramento, ensino de língua inglesa e identidade: um estudo em Sergipe<sup>i</sup>

Maria Amália Façanha Berger<sup>1</sup>

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Ana Karina de O. Nascimento<sup>2</sup>

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

**Resumo:** Este estudo analisa a relação entre letramento, ensino de língua inglesa e identidade, tendo como pontos de reflexão o acirramento do processo de globalização e a presença já consolidada das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) nos diversos segmentos de nossa sociedade, o que leva a reflexões a respeito do atual papel da escola. Colaborar com a formação de cidadãos críticos e reflexivos deve ser compromisso de todos os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, questão presente em documentos oficiais que regem a educação brasileira. Nesse sentido, o aprendizado de língua inglesa precisa ser entendido como mais uma ferramenta facilitadora do processo de inclusão social, indo além do aprendizado de regras gramaticais ou de funções comunicativas, tornando-se um ensino que habilite o aprendiz a se comunicar com fluência no idioma alvo e que o leve a refletir a respeito das diferentes práticas discursivas de grupos dominantes. Com base na teoria dos Novos Letramentos, docentes de escolas públicas do estado de Sergipe foram entrevistados com o objetivo de se investigar e analisar a visão dos mesmos em relação ao papel que a língua inglesa assume em suas vidas. Buscou-se também conhecer a concepção que eles têm a respeito do que seja um ensino que atenda às necessidades de uma sociedade em que o global e o local comumente se confundem, o que pode gerar conflito e dúvida em relação ao que e como se ensinar.

**Palavras-chave:** Letramento, Língua Inglesa, Identidade.

**Abstract:** This study examines the relationship between literacy, English language teaching and identity, having as points of reflection the intensification of the globalization process and the presence of well established New Information and Communication Technologies (NICT) in various segments of our society, which lead to reflections about the current role of the school. Collaborating with the training of critical and reflective citizens must be a commitment of all those involved in the teaching-learning process, an issue present in official documents that govern Brazilian education. In this sense, learning the English language must be understood more as a tool facilitating the social inclusion process, going beyond the learning of grammatical rules or communicative functions, and coming from a teaching that enables the learner to communicate fluently in the target language and that leads to reflection on the different discursive practices of dominant social groups. Based on the theory of New Literacies, teachers of public schools in the state of Sergipe were interviewed in order to investigate and analyze the role that the English language takes in their lives. We tried to also understand the concept that they have about what comprises an education that meets the needs of a society

<sup>1</sup> amaliaberger@hotmail.com

<sup>2</sup> akcoliveira@hotmail.com



*in which the global and the local are commonly confused, which may generate conflict and doubt as to what and how to teach.*

**Keywords:** Literacy, English Language, Identity.

## 1. Introdução

O caráter de idioma global que a língua inglesa desempenha na atualidade precisa vir acompanhado de investigação constante por parte dos que estão diretamente envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem, mais especificamente, como é o caso deste estudo, dos que lidam diretamente com formação de professores de inglês. Isso porque estamos diante de um quadro complexo em que esse idioma passa a ser ‘dominado’ por diferentes povos e culturas, desempenhando a função de ferramenta facilitadora das trocas comunicacionais em um mundo em que “as nações transformaram-se em espaços, territórios ou elos da sociedade global” (IANNI, 2001, p.87).

Faz-se pertinente, pois, entender o que deve ser um ensino que atenda às inúmeras necessidades de uma sociedade em que o global e o local muitas vezes se confundem e a língua inglesa passa a ser interpretada como uma importante ferramenta de ‘poder linguístico’, conforme afirma Kachru (1990, p.1). Seja ela entendida como língua internacional ou franca.

Nesse sentido, motivadas por participação no grupo de pesquisa “Formação continuada de professores de língua inglesa em Sergipe a partir das teorias dos novos letramentos”, o qual está vinculado ao projeto nacional “Formação de professores nas teorias dos novos letramentos e multiletramentos: o ensino crítico de línguas estrangeiras na escola”, pretendemos, através deste estudo, analisar a relação entre letramento, ensino de língua inglesa e identidade, tendo como pontos de reflexão o acirramento do processo de globalização e a presença já consolidada das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) nos diversos segmentos de nossa sociedade, o que leva a reflexões profundas a respeito do atual papel da escola.

Procuramos discutir o aprendizado de língua inglesa como mais uma ferramenta facilitadora do processo de inclusão social (com ênfase em um ensino que habilite o aprendiz não apenas a se comunicar com fluência no idioma alvo, mas que também o leve a refletir a



respeito das diferentes práticas discursivas de grupos dominantes, entendendo que nenhuma cultura deve sobrepor-se à outra) e investigar, com base na teoria dos Novos Letramentos, a visão de docentes de escolas públicas do estado de Sergipe em relação ao papel que a língua inglesa assume em suas vidas, na tentativa de entender a ‘identidade’ que esses agentes vêm construindo em torno do idioma alvo.

Para a obtenção de dados, foram aplicados 26 questionários junto a docentes da rede estadual de ensino básico do estado de Sergipe, na fase inicial do projeto de formação de professores em Sergipe, sendo que o ponto central trabalhado aqui são as respostas que foram dadas ao seguinte item: escreva um pequeno parágrafo sobre a importância do ensino de inglês hoje e sobre o papel do professor desse idioma.

A pertinência deste estudo está na tentativa de colaborar com a formação de cidadãos críticos e reflexivos, o que deve ser compromisso de todos os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, questão presente em documentos oficiais que regem a educação brasileira, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCM). Alguns dos principais autores que embasam esse estudo são: Ianni (2001), Gee (2004), Warschauer (2003), Lankshear & Knobel (2008) e Edwards & Usher (2008).

## 2. A língua inglesa no contexto contemporâneo e a questão da identidade

O cenário do século XXI está marcado por transformações sociais que suscitam uma análise da condição de globalização em que nos inserimos, cuja tônica está na produção e distribuição contínua de conhecimentos que acontecem através de diferentes mídias, ou seja, na informação. Uma série de desafios chega com essas mudanças, ajudando a redesenhar os caminhos da sociedade contemporânea, que vive as consequências do acirramento do processo de globalização:

O mundo não é mais apenas, ou principalmente, uma coleção de estados nacionais, mais ou menos centrais e periféricos, arcaicos e modernos, agrários e industrializados, coloniais e associados, dependentes e interdependentes, ocidentais e orientais, reais e imaginários. As nações transformaram-se em espaços, territórios ou elos da sociedade global. [...] Assim como cria inibições e produz anacronismos, também deflagra novas condições para uns e outros, indivíduos, grupos, classes, movimentos, nações,



nacionalidades, culturas, civilizações. Cria outras possibilidades de ser, agir, pensar, imaginar (IANNI, 2001, p.87).

Sendo assim, tratando-se do processo educacional, a escola precisa acompanhar essas mudanças, mas não é o que Suárez-Orosco & Sattin (2007) afirmam estar acontecendo ao analisar o papel que a escola deve desempenhar nesse modelo de sociedade. Eles destacam que, em muitos casos, ela tem falhado no sentido de promover o engajamento do aprendiz no processo de aprendizagem. Essa afirmação leva-nos a refletir sobre as formas como se aprende, dentro e fora dos muros da escola.

Em relação ao ambiente escolar, os autores colocam que o foco do ensino está em atingir níveis crescentes de abstração, enquanto fora dela, é a resolução de problemas concretos que move o aprendizado. Portanto, pode-se afirmar que o aprendizado acontece de maneiras distintas, estando o foco da escola no processo de ensino, enquanto o aprendizado se realiza em outras instâncias.

Esse quadro não é exclusivo de países pobres, menos desenvolvidos, apontam os autores, pois a escola, no geral, está falhando quando o objetivo é estabelecer uma conexão saudável com seus aprendizes, principalmente com o jovem. Em relação aos países em desenvolvimento, um dos motivos que levam a essa falha tem explicação na continuidade da oferta de um ensino de baixa qualidade, principalmente em escolas de regiões mais pobres, como acontece no Brasil. Isso demonstra que a escola não está acompanhando as crescentes demandas de uma sociedade que, apesar de estar cada vez mais conectada, tem suas diferenças acentuadas, o que nos impõem novos desafios, que vão desde questões econômicas a questões culturais, principalmente quando tratamos do ensino de língua estrangeira, no caso específico, do inglês.

Sabemos que a realização de uma condição ideal de ensino depende de fatores extrínsecos e intrínsecos que em muito dependem de fortes investimentos dos governos, mas não será esse o foco de nossa análise, pois não pretendemos tratar das questões problemáticas enfrentadas pelo ensino de Língua Estrangeira (LE) no Brasil: proficiência linguística baixa de muitos professores e falta de recursos (livros, aparelhos de som, CDs etc.).

O interesse desta investigação está na questão da identidade dos professores de inglês do ensino básico da rede pública de Sergipe e no caráter crítico que as aulas de língua estrangeira também precisam contemplar, atendendo às orientações presentes nas OCEM em



relação ao que deve ser, de fato, o objetivo desse ensino, que vem sendo compreendido e aplicado de forma equivocada nas escolas regulares:

[...] há falta de clareza sobre o fato de que os objetivos do ensino de idiomas em escola regular são diferentes dos objetivos dos cursos de idiomas. Trata-se de instituições com finalidades diferenciadas. Observa-se a citada falta de clareza quando a escola regular tende a concentrar-se no ensino apenas linguístico ou instrumental da Língua Estrangeira (desconsiderando outros objetivos, como os educacionais e os culturais). Esse foco retrata uma concepção de educação que concentra mais esforços na disciplina/conteúdo que propõe ensinar (no caso, um idioma, como se esse pudesse ser aprendido isoladamente de seus valores sociais, culturais, políticos e ideológicos) do que nos aprendizes e na formação desses. A concentração em tais objetivos pode gerar indefinições (e comparações) sobre o que caracteriza o aprendizado dessa disciplina no currículo escolar e sobre a justificativa desse no referido contexto (BRASIL, OCEM, 2006, p.90).

Sendo assim, podemos afirmar que a compreensão e aplicação das teorias dos novos letramentos, aliadas a questões linguísticas e comunicativas, que precisam ser trabalhadas nas aulas de Língua Inglesa (LI), podem promover mudanças significativas no quadro de desinteresse e de alienação em que muitos alunos e alunas vivem, principalmente, os mais jovens. Isso porque estamos vivendo um momento em que a comunicação ocorre em diferentes espaços e de diferentes formas, e o foco antes tão centrado na escrita, agora é deslocado para outras modalidades, como é o caso da imagem e do movimento. Diante desse quadro, o docente precisa trazer para a escola uma prática pedagógica crítica que se afine com o contexto comunicacional multimodal das relações sociais.

O fato de a comunicação se dar de forma multimodal contribui para a que a sua materialização se dê de variadas formas e aponta para a necessidade de diferenciadas práticas de letramento. Ou seja, é preciso que se compreenda que a comunicação hoje engloba não apenas textos, mas também fotografias, imagens, gráficos, som e elementos de animação, dentre outras possibilidades, visto que cada vez mais, esses elementos fazem parte da leitura de textos variados, especialmente, no mundo digital das novas tecnologias (COPE; KALANTZIS, 2000).

Atendo-se à relação entre a língua inglesa e a globalização, entendemos ser pertinente a adequação do ensino de línguas estrangeiras a esse contexto de mudanças. Levar o indivíduo a desenvolver a competência comunicativa em língua inglesa, por exemplo, está em total





conformidade com o foco do ensino de línguas estrangeiras que, no momento presente, está colocado na comunicação, na troca de informações em âmbito global, resultado dos efeitos dos fenômenos de internacionalização e globalização da economia em todas as instâncias da sociedade.

Richards e Rodgers (2001), por exemplo, ao explicarem a questão da importância da adequação do ensino de línguas estrangeiras às necessidades sociais, afirmam ser essa uma consequência natural advinda das modificações ocorridas no curso da história:

Mudanças em métodos de ensino de línguas através da história têm refletido o reconhecimento de transformações no tipo de proficiência que os aprendizes necessitam, como por exemplo, uma mudança em direção à proficiência oral ao invés da compreensão de leitura como o objetivo do estudo de línguas; elas têm também refletido mudanças nas teorias da natureza da linguagem e do aprendizado de línguas (RICHARDS & RODGERS, 2001, p.3, tradução nossa).<sup>ii</sup>

Para desempenhar um papel realmente transformador, entretanto, o ensino de língua inglesa não pode ter sua centralidade apenas em questões linguísticas, mas deve também tratar de reflexões a respeito de questões culturais e sociais, de maneira crítica, reconhecendo as diferenças entre os povos que hoje utilizam esse idioma. Isso porque, ao mesmo tempo em que nos percebemos como parte de uma realidade que apresenta traços de semelhança, principalmente devido ao que Giddens (1991) entende como ‘desencaixe dos sistemas sociais’, ou seja, aquelas situações em que práticas sociais de determinadas localidades são deslocadas para outras localidades, incorporando-se aos hábitos de determinada cultura; ela cria, por exemplo, um tipo de movimento social que, segundo Castells (1997), baseia-se na defesa da identidade cultural:

Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca por identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte fundamental de significado social. Esta não é uma nova tendência, uma vez que a identidade, e particularmente a identidade religiosa e a étnica, tem estado nas raízes do significado desde o alvorecer da sociedade humana. Mesmo assim, a identidade está se tornando a principal, e às vezes a única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela disseminação da desestruturação de organizações, da deslegitimação de instituições, do enfraquecimento de grandes movimentos sociais e de expressões culturais efêmeras. As pessoas cada vez mais organizam seus



significados não ao redor do que elas fazem, mas baseadas no que elas são (CASTELLS 1997 apud WARSCHAUER, 2003, p.93, tradução nossa).<sup>iii</sup>

Tal movimento é diferente dos que aconteceram nos dois séculos anteriores a este, que se baseavam em questões de trabalho (as lutas sindicais) e de direitos da mulher, dentre outras formas legítimas de luta que se estabeleceram principalmente a partir dos anos de 1960. Este segue na direção da preservação cultural, e uma das manifestações mais fortes neste sentido se configura como a necessidade de proteção da língua materna.

Phillipson (1997, p.42) coloca que a tendência atual que elege o inglês como a única língua franca que pode servir às necessidades da sociedade atual “reforça a ideologia dominante, a qual pressupõe que o inglês é a língua mais compreensível para virtualmente todos os propósitos significativos” (tradução nossa).<sup>iv</sup> A respeito da compreensão do que seja uma língua franca, o referido autor diz que:

Uma definição moderna de dicionário a respeito de língua franca é a seguinte: uma língua franca é ‘a linguagem que é usada para comunicação entre diferentes grupos de pessoas, cada uma falando uma língua diferente. A língua franca poderia ser uma língua usada internacionalmente para a comunicação (ex. inglês), ela poderia ser a língua nativa de um dos grupos ou poderia ser a linguagem que não é falada originalmente por nenhum dos grupos, mas que tem uma estrutura de frases e vocabulário simplificada e é frequentemente a mistura de duas ou mais línguas’ (RICHARDS, PLATT e WEBER, 1985 apud PHILLIPSON, 1997, p.42, tradução nossa).<sup>v</sup>

Os diferentes usos do inglês hoje se encaixam nesse caráter de língua franca, mas é preciso ter clara a ideia de diversidade cultural, que deve ser respeitada, e que tal idioma precisa ser ensinado levando-se em conta a realidade em que ele virá a servir como ferramenta facilitadora da comunicação global. Essa postura crítica que precisa fazer parte da identidade do docente de língua inglesa é necessária para lidar com uma realidade em que, os apelos da indústria cultural, principalmente norte-americana, são no sentido de ‘vender uma realidade local como se fosse global’, propagando modos de vida.

Essa lógica está em total conformidade com os efeitos da globalização, que confere “a tudo um ar de semelhança” (HORKHEIMER; ADORNO, 1997), criando necessidades em comum, fruto de uma verdadeira padronização de produtos que visam a atender a um mercado que se configura como mundial. Andar ou se imaginar andando pelas ruas de Manhattan, visitar a



Estátua da Liberdade e caminhar pelo Central Park, por exemplo, tendo a sensação de que tudo isso já faz parte do nosso cotidiano, é fruto de uma situação fabricada pela Indústria Cultural.

O produto a ser consumido aqui é a concepção de aceitação de uma cultura – a norte-americana. Vende-se a ideia de que o jeito americano de viver é o ideal, é o que há de mais moderno e a indústria da diversão faz excelente uso desse artifício para vender seus produtos, que podem ser filmes, séries de TV, música, comida (*fast-food*), carros, enfim, todo um estilo de vida, o capitalista: “[...] o sistema da indústria cultural provém dos países industriais liberais, e é neles que triunfam os seus meios característicos, sobretudo o cinema, o rádio, o jazz e as revistas. É verdade que seu projeto teve origem nas leis universais do capital” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.124).

A esse respeito, Gee (2000) argumenta que estamos vivenciando um novo momento do capitalismo, marcado, dentre outras características, pela lógica dos sistemas distribuídos, que diferem dos sistemas centrais, notadamente marcados pela hierarquia autoritária. De acordo com o autor, nesses sistemas:

muitas pequenas, eficientes e auto-controladas unidades locais agem em fluidas, flexíveis, e às vezes efêmeras combinações (redes, padrões) com o intuito de se adaptarem e transformarem ambientes (contextos) aos quais eles estão integralmente conectados (GEE, 2000, p.44, tradução nossa)<sup>vi</sup>.

Os sistemas distribuídos, portanto, conforme a nomenclatura já explícita, relacionam-se a práticas de compartilhamento de funções, e, conseqüentemente, de controle, com as demais partes que formam um determinado sistema, indo de encontro à lógica da centralização. Conecta-se, então, à ideia de redes e de trabalho em rede.

O funcionamento segundo os ideais dos sistemas distribuídos, contudo, não se restringe ao mundo do trabalho, vai além, inserindo-se nos demais âmbitos da vida em sociedade, aí incluída a educação, modificando a maneira como o pensamento e o aprendizado devem ser vistos, e, como consequência, as escolas e as salas de aula.

A alteração se mostra de forma mais contundente quando se considera a transferência do foco do ensino. Os sistemas hierárquicos, por sua natureza centralizadora, têm como pressuposto a especialização. Os sistemas distribuídos, por sua vez, uma vez regidos pelo compartilhamento de diversas funções, fazem com que o entendimento da necessidade de indivíduos especialistas em determinada tarefa torne-se obsoleta. Dessa forma, torna-se





imprescindível que o sistema escolar forme indivíduos capazes de interagir em diferentes áreas de conhecimento, além de trabalhar colaborativamente, prerrogativa principal dos sistemas distribuídos. Nessa perspectiva, torna-se cada vez mais difundida a ideia de comunidades de prática:

Comunidades de prática – dirigidas amplamente por negócios, os quais, em retorno, influenciam seu exemplo nas escolas – estão começando a tomar uma forma distintiva, seja em salas de aula ou ambientes de trabalho. [...] Membros de uma comunidade de prática estão conectados através de uma questão comum e somente secundariamente através de laços afetivos. [...] Membros devem estar envolvidos com muitos ou todos os estágios de uma questão; sendo capazes de desenvolver múltiplas e parcialmente sobrepostas funções; e capazes de refletir acerca de uma questão entendida como todo um sistema, não apenas a sua parte nele. A implicação é que não deveria haver especialistas estreitos nem papéis rígidos<sup>vii</sup> (GEE, 2000, p.53, tradução nossa).

O autor complementa que cabe aos líderes de comunidades de prática, principalmente, ajudar seus membros a transformar o conhecimento tácito que eles possuem em conhecimento explícito. Afinal, nessas comunidades de prática, os indivíduos comprometem-se “através de sua imersão na prática, uma vez que é a própria prática que os dá identidade e não alguma ‘ocupação’, um conjunto fixo de habilidades, ou cultura distanciada da prática”<sup>viii</sup> (Ibidem, p.54, tradução nossa).

Trazendo esse conceito para a realidade do ensino de línguas, concordamos com Gee (2004, p.117, tradução nossa), quando o mesmo afirma que, “se há alguma variedade de língua a ser aprendida e usada, ela precisa ser situada. Isto é, ela precisa ser trazida a partir de exemplificações concretas com base em experiências que os aprendizes tenham vivenciado”<sup>ix</sup>.

Levando em conta essas questões, precisamos pensar na construção da identidade do professor de inglês brasileiro na medida em que as comunidades de prática têm sido negligenciadas ou mesmo desconsideradas, diante da invasão cultural que tem se dado em escala global. Como diz Hamlett (2000, p.1, tradução nossa), a globalização americana não é mais essencialmente econômica ou política, mas cultural, com um agravante: “a homogeneização da cultura que está ocorrendo está agora acontecendo em uma escala mais rápida com o advento da Internet e da disseminação mais rápida da informação”<sup>x</sup>.

Diante desse cenário, cabe indagar acerca de qual ou quais as implicações desse risco de homogeneização cultural na formação da identidade dos professores e professoras de



inglês que fizeram parte do universo desta pesquisa, principalmente quando tomamos o seguinte conceito de identidade: “A identidade está localizada dentro da pessoa como um representante de um grupo em particular, em que a experiência do último significa certo tipo de autoridade de onde se fala. O indivíduo está posto como um membro de um grupo particular”<sup>xi</sup> (EDWARDS; USHER, 2008, p.137, tradução nossa).

### 3. A importância do inglês hoje e o papel do professor: concepções de docentes de Sergipe

Partindo do conceito de identidade apresentado acima, de Edwards e Usher, de sentido de pertencimento a um determinado grupo, nossa investigação busca entender a que grupo esses professores e professoras acreditam pertencer como falantes de inglês, professores desse idioma, e qual o papel da língua inglesa em suas vidas e nas vidas dos membros da sociedade em geral.

Dentre as questões aplicadas junto a vinte e seis docentes, escolhemos analisar o seguinte item: “Escreva um pequeno parágrafo sobre a importância do inglês hoje e sobre o papel do professor no ensino de inglês”. Apresentaremos agora uma análise preliminar das falas desses profissionais, seguida das conclusões às quais chegamos, ressaltando que os dados aqui apresentados foram colhidos no início do trabalho do grupo de pesquisa “Formação continuada de professores de língua inglesa em Sergipe a partir das teorias dos novos letramentos”, o qual ainda está em andamento. Destacaremos aqui trechos das falas de oito participantes da pesquisa.

Começaremos destacando algumas falas em que a globalização e os avanços tecnológicos são elementos presentes na concepção dos professores como elementos que valorizam a necessidade de se aprender inglês. Também podemos afirmar que as respostas apontam para o reconhecimento do caráter de língua franca (PHILLIPSON, 1997), o qual embasa este estudo, uma vez que todos afirmam ser o inglês que falantes de outros idiomas utilizam como ferramenta facilitadora das trocas comunicacionais internacionais. Todos os grifos são nossos para destacar os pontos que se assemelham nas falas dos entrevistados.

P1: Acho **essencial** a aprendizagem da língua inglesa no mundo atual, onde se fala de **globalização** e compartilhamento de saberes, e onde o inglês é a língua mais utilizada nessas trocas de comunicação.



P8: (...) o inglês é **a língua da comunicação com todo o mundo**.

Na primeira fala, identificamos uma relação de valorização do idioma inglês ao aplicar ao seu aprendizado uma condição essencial para que o indivíduo possa se comunicar, compartilhar saberes e conseguir acesso a informações, em nível global. Sendo assim, podemos dizer que, além de servir como uma ferramenta facilitadora da troca de informações, há uma indicação de que o inglês ‘abre caminhos’ para o aperfeiçoamento do indivíduo, o que faz parte de um discurso bastante utilizado e que colabora com a consolidação do relevância desse idioma.

Seguindo nessa direção de aperfeiçoamento, as falas abaixo, de P2 e P3, destacam que, além de ser um idioma global, o inglês está presente em várias instâncias sociais, em várias áreas do conhecimento, o que o torna imprescindível para o indivíduo.

P2: O inglês é a língua da comunicação mundial. Com o **avanço tecnológico** e a **globalização**, a língua inglesa tornou-se **imprescindível** em todos os contextos: educação, medicina, turismo, negócios, política etc.

P5: A importância do ensino de inglês é **inconteste** tanto pelo fato de ser **a língua mais falada no mundo**, como também em função da **globalização da informação**, tendo em vista que cada vez mais há a exigência dessa língua no mundo dos negócios, no meio acadêmico, no turismo, etc.

Essa certeza em relação à posição que o inglês ocupa na contemporaneidade é reforçada por Siqueira (In: GIMENEZ; CALVO; MICHELE, 2011, p. 87) “Sem sombra de dúvidas, o inglês é a língua global da contemporaneidade. Sua ‘mundialidade’ é fato consumado e encontra-se fartamente documentada”. E, ao citar Rajagopalan (2010a, p.21), reforça o fato de que “não se discute mais a hegemonia total e, de certa forma, assustadora, da língua inglesa no mundo em que vivemos”. A próxima fala reflete esse espaço que esse idioma conquistou por inúmeras razões no curso da história: P5: A língua inglesa já faz parte da nossa vida (...) **propicia a comunicação universal**.

Um ponto interessante a ser destacado em relação à última fala é a afirmação de que o inglês ‘já faz parte da nossa vida’. Essa declaração pode ser interpretada como uma indicação de que, para essa professora, queiramos ou não, esse idioma já não nos é mais estranho; ao contrário, tornou-se algo natural. A próxima fala reforça essa presença e influência do inglês em nosso cotidiano:



P6: Estudar inglês nos dias atuais é **algo imprescindível**, pois, a cada dia percebemos a influência constante dessa língua em nosso cotidiano que possibilita o crescimento e desenvolvimento e, acima de tudo, melhores condições de interagir com as rápidas mudanças que vêm ocorrendo nesse **novo e tecnológico século**.

Além de apontar essa presença forte do inglês, podemos perceber que para essa professora, o inglês é compreendido como uma ferramenta de ‘poder’, uma vez que ‘possibilita o crescimento e desenvolvimento’. Essa compreensão nos remete a reflexões a respeito do valor de mercado que as línguas adquirem, além desse sentimento de familiaridade com o idioma presentes nas falas de P5 e P6. Sobre essas questões, destacamos o seguinte pensamento:

Esta é considerada a língua da comunicação internacional, capaz de proporcionar sucesso econômico, social, afetivo aos cidadãos de classe média que a dominam – e/ou são dominados por ela, o que neste raciocínio não importa muito, uma vez que se tenha a possibilidade de ‘sucesso’ através deste idioma. (JORDÃO. In: GIMENEZ; CALVO; EL KADRI, 2011, pp. 222-223).

Mais uma fala pode ser destacada em que se percebe que o inglês é visto como um ‘passaporte’ para o mundo do sucesso, uma vez que o inglês pode garantir um bom espaço no competitivo mundo do trabalho.

P7: Diante da globalização no mundo pós-moderno, **é imprescindível o uso de uma segunda língua, nesse caso - a língua inglesa**, pois os avanços tecnológicos e as relações comerciais fazem com que o indivíduo busque se qualificar para inserir-se no mercado de trabalho, que a cada dia está mais competitivo.

Partiremos agora para uma análise da relação entre conhecimento de língua inglesa e cultura que é mencionada em várias respostas, dentre as quais destacamos as seguintes:

P4: ... o ensino de língua inglesa torna-se **relevante por contribuir para a integração em um mundo globalizado**, como também **propicia a aproximação de várias culturas**, desenvolvendo no indivíduo uma **formação multicultural**.

P1 (...) pode dar oportunidade ao aluno de entrar em contato com diversos conhecimentos, tanto **culturais** como científicos, que são importantes para a formação dele.

P6: “A Língua Inglesa é **um dos elos entre povos e culturas**”.



Para essas três professoras, o conhecimento em língua inglesa está diretamente ligado ao contato com diferentes culturas e mais, com a possibilidade de integração entre povos. Sobre essa questão, vale ressaltar que a certeza de que a relação entre ensino de língua inglesa e o contato com várias culturas é uma realidade que deve estar fundamentada em reflexões como a seguinte: “o verdadeiro propósito do ensino de línguas estrangeiras é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 70) e o autor continua com a afirmação de que esse aprendizado deve ser no sentido de transformar o aprendiz em cidadão do mundo.

O reconhecimento a respeito do nível de familiaridade que foi citado por alguns entrevistados em relação ao idioma inglês e a relação do ensino desse idioma com elementos culturais, o que diz respeito à identidade, são pontos relevantes que merecem atenção na formação de professores de inglês. Isso porque o papel que o docente precisa desempenhar precisa estar em conformidade com o contexto globalizado e multicultural, o que nos leva ao último ponto de análise deste estudo: o papel do professor no ensino de inglês.

As duas falas em destaque abaixo representam um grupo que entende estar o papel do docente ligado ao desenvolvimento das habilidades comunicativas dos aprendizes, sem mencionar o caráter crítico do processo de ensino-aprendizagem.

P6: O papel do professor de Língua Inglesa é ajudar o aluno a desenvolver as 04 habilidades básicas que são listening, writing, reading and speaking.

P5: (...) cabe aos professores de inglês propiciar aos seus alunos a aquisição, de fato, da língua inglesa em sua forma escrita e falada, e pra isso ele precisa lançar mão de metodologias variadas.

P6: E cabe ao **professor ser mediador na troca desse novo conhecimento**, através dos vários métodos de ensino para que estimule o aprendiz a conhecer de forma mais ampla a língua inglesa e reconhecer que ela é necessária para a sua formação pessoal e profissional.

A preocupação que se percebe nessas falas está no sentido do desenvolvimento das habilidades linguísticas e na necessidade de o docente dominar diferentes métodos de ensino para garantir a promoção de habilidades comunicativas. De acordo com as OCEM, esse conhecimento metodológico precisa vir acompanhado de uma visão crítica, o que, conforme já citado neste estudo, marca a principal diferença que deve existir entre cursos livres de idiomas e o ensino que deve acontecer nas escolas regulares.





Os próximos exemplos apontam para outro nível de compreensão, com respostas que indicam haver docentes que já apresentam uma compreensão a respeito do caráter crítico/reflexivo que o ensino de língua inglesa deve contemplar.

Na concepção de P3: Quanto ao papel do professor (...) não basta só exercer seu papel de educador, mediador de conflitos, é necessário também, preparar o aluno para o mundo, ajudá-lo a ser um **cidadão reflexivo**.

Seguindo a mesma linha de pensamento, P4 afirma que: (...) o papel do professor de Língua Inglesa é **preparar cidadãos críticos**, cada vez mais interessados nos acontecimentos mundiais e preparados para atuarem num contexto sociocultural que está em constante mudança. E também afirma que: “O professor, por sua vez, como mediador dessa aprendizagem, pode contribuir na interação: indivíduo e o meio que o cerca.”

Percebe-se nessas afirmações a ideia de que o ensino de inglês precisa ter também um caráter crítico, não apenas linguístico, o que encontra em Rajagopalan (2003, p. 111) embasamento: “Ao educador crítico cabe a tarefa de estimular a visão crítica dos alunos, de implantar uma postura crítica, de constante questionamento das certezas que, com o passar do tempo, adquirem a aura e a ‘intocabilidade’ dos dogmas”. Essa visão está em consonância com o que já apresentamos a respeito da teoria dos novos letramentos, e com o que está presente nas OCEM, documento também mencionado neste estudo, no sentido de reforçar a necessidade de um ensino de inglês que seja no caminho de uma prática crítico/reflexiva.

#### 4. Considerações finais

Buscou-se, no decorrer deste estudo, apresentar reflexões a respeito do papel que a língua inglesa desempenha no atual contexto de trocas comunicacionais que acontecem cada vez mais em nível global, as quais se intensificam, em grande parte, impulsionadas pelo desenvolvimento das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Nesse contexto, defendemos que a escola precisa ter claro seu papel em meio a uma realidade em que o global e o local muitas vezes se confundem e na qual o inglês passa a assumir a natureza de importante ferramenta facilitadora da comunicação, mas que esse conhecimento seja também uma forma de inclusão social.



Esse caráter de inclusão só pode ser alcançado se a prática docente for voltada para a reflexão e para a crítica, conforme postulado pela teoria dos novos letramentos e defendido por documentos oficiais que regem a educação brasileira, como é o caso das OCEM. Essa preocupação levou a reflexões acerca da questão da identidade, que precisa ser melhor entendida nesse contexto em que o inglês vem sendo utilizado e apropriado por pessoas de diferentes nações, com hábitos culturais distintos e que não cabe mais associar esse idioma a apenas uma cultura dominante.

Diante do exposto, apresentamos a análise preliminar que nos levou a identificar as percepções de vinte e seis docentes de língua inglesa da rede pública de ensino do estado de Sergipe em relação ao papel que o inglês desempenha na atualidade, bem como ao papel do professor no ensino desse idioma, na tentativa de identificar os perfis/identidades que esses profissionais/falantes de inglês já têm construídos.

Entendemos que os docentes reconhecem a importância do papel da língua inglesa para a sociedade globalizada e isso fica destacado através de palavras como: essencial, imprescindível e incontestável. Eles ressaltam ser o inglês uma ferramenta que pode dar oportunidade ao indivíduo de entrar em contato com diversos campos do conhecimento, tanto culturais quanto científicos. Entendem que a língua inglesa une povos e culturas e que tem ligação direta com os avanços tecnológicos, ajudando a inserção do indivíduo nas diferentes instâncias sociais, com destaque para o mundo do trabalho.

Quanto ao papel do professor, compreendem que ele deve ser agente facilitador do processo de inserção do indivíduo no mundo globalizado e que isso ocorrerá através de um ensino que seja embasado em diferentes metodologias que desenvolvam nos aprendizes as habilidades comunicativas.

Observou-se também que alguns docentes entendem que, além das habilidades comunicativas, deve-se valorizar uma prática pedagógica que ajude a formar cidadãos críticos e reflexivos, com conhecimentos a respeito de elementos culturais para, dessa forma, serem capazes de acompanhar, de maneira plena, as mudanças pelas quais passa a sociedade.

Destacamos, por fim, que esses dados são de grande relevância para o desenvolvimento das atividades que fazem parte do âmbito da pesquisa desenvolvida pelo projeto “Formação continuada de professores de língua inglesa em Sergipe a partir das teorias dos novos letramentos”.



## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1 - Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, SEB, 2006.

COPE, B; KALANTZIS, M. **Multiliteracies**: literacy learning and the design of social futures. Londres: Routledge, 2000.

GEE, J. P. New People in New Worlds: networks, the new capitalism and schools. In: COPE, B; KALANTZIS, M. **Multiliteracies**: literacy learning and the design of social futures. Londres: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. **Situated Language and Learning**. New York and London: Routledge, 2004.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W., **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JORDÃO, Clarissa Menezes. A posição do inglês como língua internacional e suas implicações para a sala de aula. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L.; EL KADRI, M. (Orgs.). **Inglês como língua franca**: ensino e aprendizagem e formação de professores.

KACHRU, B.B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. (Org.). **English in the world**: teaching and learning and literatures. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985, p. 11-30.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O lugar do inglês no mundo globalizado. In: SILVA, K. A. da. (Org.). **Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade**: linhas e entrelinhas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010a. p. 21-24.

RICHARDS, C.; RODGERS, T.: **Approaches and Methods in Language Teaching**. 2<sup>nd</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SIQUEIRA, Sávio. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L.; EL KADRI, M. (Orgs.). **Inglês como língua franca**: ensino e aprendizagem e formação de professores.

SUÁREZ-OROZCO; SATIN, Carolyn. Learning in the global era. In: **Learning in the Global Era**: international perspectives on globalization and education. Berkeley: University of California Press, 2007.

WARSCHAUER, Mark. **Technology and Social Inclusion**: rethinking the digital divide. Massachusetts: The MIT Press, 2003.



## Notas

<sup>i</sup> Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa Formação continuada de professores de língua inglesa em Sergipe a partir das teorias dos Novos Letramentos, financiado pelo CNPq (processo n°. 401394/2010-7) e coordenado pelo Prof. Dr. Vanderlei José Zacchi, do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe.

<sup>ii</sup> "Changes in language teaching methods throughout history have reflected recognition of changes in the kind of proficiency learners need, such as a move toward oral proficiency rather than reading comprehension as the goal of language study; they have also reflected changes in theories of the nature of language and of language learning" <sup>iii</sup>(RICHARDS & RODGERS, 2001, p.03).

<sup>iii</sup> "In a world of global flows of wealth, power, and images, the search for identity, collective or individual, ascribed or constructed, becomes the fundamental source of social meaning. This is not a new trend, since identity, and particularly religious and ethnic identity, have been at the roots of meaning since the dawn of human society. Yet identity is becoming the main, and sometimes the only, source of meaning in a historical period characterized by widespread destructuring of organizations, delegitimation of institutions, fading away of major social movements, and ephemeral cultural expressions. People increasingly organize their meaning not around what they do but on the basis of what they are" (CASTELLS, 1997 apud WARSCHAUER, 2003, p.93).

<sup>iv</sup> "[...] reinforces the dominant ideology, which presupposes that English is the most eligible language for virtually all significant purposes" (PHILLIPSON, 1997, p.42).

<sup>v</sup> "A contemporary dictionary definition is as follows: a lingua franca is 'a language that is used for communication between different groups of people, each speaking a different language. The lingua franca could be an internationally used language of communication (e.g.English), it could be the native language of one of the groups, or it could be a language which is not spoken natively by any of the groups but has a simplified sentence structure and vocabulary and is often a mixture of two or more languages'" (RICHARDS, PLATT, and WEBER, 1985 apud PHILLIPSON, 1997, p.42).

<sup>vi</sup> "many small, efficient, and self-controlled local units act in fluid, flexible, and sometimes ephemeral combinations (networks, patterns) so as to adapt to and transform 'environments' (contexts) to which they are integrally linked".

<sup>vii</sup> "Communities of practice – driven largely by businesses, which, in turn, influence their instantiation in schools – are beginning to take a distinctive shape, whether in classrooms or workplaces. [...] Members of the community of practice bond to each other primarily through a common endeavour and, only secondarily, through affective ties. [...] Members must be involved with many or all stages of the endeavour, able to carry out multiple, partly overlapping, functions; and able to reflect on the endeavour as a whole system, not just their part in it. The implication is that there should be no narrow specialists and no rigid roles".

<sup>viii</sup> "through their immersion in practice, since it is the practice itself that gives them their identity and not some 'occupation', fixed set of skills, or culture apart from the practice".

<sup>ix</sup> "If any variety of language is to be learned and used, it has to be situated. That is, it has to be brought down to concrete exemplifications in experiences learners have had"

<sup>x</sup> "The homogenization of culture that is occurring is now happening at a faster rate with the advent of the Internet and the faster spread of information" (HAMLETT, Tanner. *The English Language and the American Entertainment Industry*. USA, 2000. <<http://www.lclark.edu/~ria/2000/posentertainmentframes.htm>> fev.2011).

<sup>xi</sup> "...identity is located within the person as a representative of a particular group, wherein the experience of the latter signifies a certain type of authority from which to speak. One is located as a member of a particular group".